



Escolas de futebol e a construção do estilo nacional

Ms. Paulo Cezar Teixeira Bach

Mestre em Educação Física – UGF – Rio de Janeiro, Brasil
Professor da FAETEC – Rio de Janeiro, Brasil

Dr. Hugo Rodolfo Lovisolo

Pós-doutor em Sociologia do Esporte – Universidade do Porto – Porto, Portugal
Doutor em Antropologia social – UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil
Professor UNISUAM (Mestrado em Desenvolvimento Local)

RESUMO: Este artigo tratou das escolas de futebol localizadas na cidade do Rio de Janeiro e se há socialização das técnicas corporais associadas ao estilo brasileiro de jogar futebol. Verificamos que as escolas de futebol da cidade se apresentam num mercado diversificado que atende a demanda de jovens com perspectivas de profissionalização ou ocupação do tempo livre. Considerando os modos de ensinar nestas agências e a percepção de professores e alunos, podemos afirmar que não há nenhum treinamento ou atividade corporal específica para desenvolver aquilo que se denomina estilo nacional.

Palavras-chave: futebol, estilo nacional, identidade, escolas de futebol.

ABSTRACT: *This study is a research of the soccer schools all around Rio de Janeiro city, and the development of the characteristics of the conventional ways to the so called “Brazilian style of playing soccer”. The investigation on the city soccer schools worked with a variety according to the youth’s possibilities and necessities leading to the social growth or even filling out spare time. Taking into consideration the teaching methods at those institutions and the teachers’ and learners’ perception, we can tell that there is no specific training to develop the national style.*

Keywords: Soccer. National style. Identity. Soccer schools.

Resumen: *El artículo se interroga sobre las pedagogías de enseñanza en práctica en las escuelas de fútbol de Río de Janeiro. En ellas se socializan las técnicas corporales del estilo brasileño de jugar? Las escuelas forman parte de un mercado diversificado que atiende a jóvenes e busca de profesionalización o el entretenimiento. Mediante la observación directa de la enseñanza y las representaciones de los profesores y alumnos, podemos concluir que no existen, en las prácticas pedagógicas observadas, actividades dirigidas al desenvolvimiento de las técnicas corporales que caracterizan al denominado estilo nacional.*

Palabras Llaves: Fútbol. Estilo nacional. Escuelas de fútbol. Enseñanza.

INTRODUÇÃO

Esse estudo está vinculado a análise das relações e tensões no processo de formação de identidades no espaço social do futebol. O foco do estudo é, por um lado, a observação do ensino nas escolhinhas de futebol e, do outro, as declarações daqueles que ensinam. Acreditamos que existam hiatos entre os modos de ensinar e aquilo que nas representações é apresentado como o estilo nacional, como “o jogo bonito”, como é reconhecido internacionalmente. Em outros termos, constatou-se que as escolhinhas não centram seus esforços no desenvolvimento do estilo nacional de praticar o futebol.

O “estilo brasileiro de jogar futebol” foi construído nas desigualdades sociais e históricas do país, as quais se tornaram palco para o desenvolvimento de um esporte que promoveu, ao longo do tempo, oportunidades de inclusão e ascensão social incutidas no imaginário do brasileiro. Por outro lado, a imagem de mobilidade desse esporte poderia ser colocada em xeque quando observamos a quantidade limitada de postos de trabalho nos clubes¹ (DAMO, 2005) e a baixa remuneração salarial desse esporte, pois quase 80% dos jogadores profissionais ganhavam em torno de dois salários mínimos até 2003 (HELAL; SOARES; SALLES, 2005). Contudo, pareceria que o efeito da mídia – em mostrar a elite do futebol nacional e em destacar os atletas internacionais, atuantes em quase todos os países que contam com futebol – reforça o sonho da profissionalização.

Desde a década de 1930, a percepção das

diferenças entre o “estilo” do jogo brasileiro e o europeu, narrados por escritores e jornalistas, serviu para construção dos sentimentos de pertencimento a uma nação miscigenada, tanto para dentro, quanto para fora e que revelava através de seu futebol que no esporte poderia se igualar as potências mundiais (SOARES; LOVISOLO, 2003).

A participação da seleção brasileira em Copas do Mundo mediou os discursos identitários sobre o “estilo”. Vitórias e derrotas marcaram a afirmação, o afastamento ou o resgate do “futebol arte”². Os resultados negativos ataçavam os críticos que condenavam a forma brasileira de jogar e geravam tensão ao privilegiar o outro, o futebol força³. Mais tarde o esporte espetáculo e a globalização fizeram com que equipes de todo o mundo jogassem de forma semelhante, inclusive o Brasil. O país perderia sua identidade, o que estimularia sentimentalismos relacionados ao “futebol arte” (LOVISOLO; SOARES, 2003).

A mídia cumpre o papel de resgatar a tradição e manter a identidade do futebol brasileiro. Imagens de craques, jogadas, dribles e gols são rememoradas para as novas gerações de aficionados. A mídia destaca o “futebol arte”, principalmente a técnica do drible, associado a elementos simbólicos de brasilidade, como a malandragem e a ginga (SALVADOR, 2005).

Para os nativos, o “dom”, enquanto “providência pós-facto”, justificaria e comportaria

¹ Aproximadamente 10 a 15 mil postos de trabalho nos 500 clubes filiados a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), insuficientes para a oferta (DAMO, 2005).

² Segundo Damatta (1982), o futebol arte seria a essência do estilo brasileiro de jogar futebol, fundamentado no drible, na ginga, na individualidade e na malandragem.

³ Futebol de intenso vigor físico, marcado pelo incremento da preparação física, forte marcação e aplicação tática. Apareceu em destaque na Copa da Inglaterra em 1966 quando o Brasil, então bicampeão mundial, foi surpreendido pela nova dinâmica do futebol.



todas as explicações da qualidade técnica natural e mágica dos jogadores brasileiros, na qual a identidade cultural do futebol criaria a ambiência necessária para a sua prática. Para os especialistas⁴, o “talento”, enquanto ‘ideologia do potencial’, não é suficiente para que o jovem adquira todo o capital futebolístico que lhe permitirá o acesso à carreira profissional (DAMO, 2005).

Os professores pesquisados nas escolas de futebol do Rio de Janeiro sustentam que o talento seria um dom que depende do esforço, da dedicação e da disciplina, que fariam o jovem despontar e manter-se. Aliam, portanto, aquilo que seria natural ou espontâneo, o talento, com o investimento no seu desenvolvimento técnico.

[...] Você não consegue formar o craque que tenha a perfeição de um drible. Você até consegue a perfeição de um passe, de uma marcação no fundamento. Agora a habilidade, a motricidade, a parte motora do drible, uma habilidade com a bola, é impossível, isto é coisa genética, é “dom”. (professor Marcelo – escola de bairro)

O talento nasce com a pessoa, mas não adianta nada, se não houver disciplina, preparo e orientação. Essas coisas vêm com o treinamento. [...] O talento nasce, mas o treinamento desperta. [...] Não adianta o talento sem uma condução correta, é aí que entra o treinamento. (professor Antonio – núcleo de clube)

O discurso romântico afirma que os talentos vinham das práticas livres e sem orientação

nos campos de várzea. Hoje, seriam formados nas categorias de base dos clubes, que não tendo condições para absorver toda a demanda, abrem espaço para atuação das “escolas de futebol”. Por outro lado, as mudanças na vida privada interferiram diretamente na vida social, principalmente, na socialização da educação dos filhos por diferentes agências educativas (PROST, 1992). Diante disso poder-se-ia perguntar: as escolas de futebol da cidade do Rio de Janeiro desenvolvem pedagogicamente o ensino das técnicas corporais voltadas para a socialização do estilo brasileiro de jogar futebol?

METODOLOGIA

O futebol carioca e o futebol arte são faces de uma mesma moeda nas palavras de jornalistas e acadêmicos⁵. A essência do esporte é ratificada na indústria midiática da cidade e do país. Logo, o estudo incidiu nas escolas cariocas do esporte, onde os elementos simbólicos do esporte deveriam emergir. O estudo foi exploratório, apesar da perspectiva etnográfica. Entrevistas semi-estruturadas com professores e alunos e a observação de campo foram utilizadas para coleta de dados.

A observação direta de campo aconteceu de julho de 2006 a maio de 2007, e teve por objetivo verificar se os elementos simbólicos do “estilo brasileiro”, presentes na literatura, aconteciam nas aulas: drible, ginga e malandragem. As observações em duas escolas totalizaram trinta e sete aulas e quarenta e três horas e meia de observação. Durante este período, controlamos o tempo que era dedicado para cada fundamento: condução, passe, domínio, chute, cabeceio, marcação e especialmente o

4 Profissionais da área.

5 Cf. Pereira, 2000 e Lovisolo; Soares, 2003.

drible, associado ao futebol arte. Balizamos, também, a duração de cada período da aula: aquecimento, intervalo, técnico, tático, coletivo, recreativo e físico. Determinamos assim a estrutura de cada aula e se havia espaço para apropriação do estilo.

Após a análise e interpretação das entrevistas semi estruturadas com três professores, houve a comparação com a pedagogia de ensino, descrevendo traços de correspondência ou de ausência do estilo brasileiro. Por sua vez, a entrevista com sete alunos averiguou a construção do estilo e as tentativas de assimilação, em função da sua percepção das características do futebol brasileiro e do que eles vivenciavam nas aulas.

Descrição do campo de observação

As escolas da cidade se diversificaram para atender à formação de jogadores ou para oferecer atividade recreativa com sociabilidade. Verificamos como estas instituições se organizavam e as reunimos segundo critérios de classificação⁶. As escolas foram agrupadas em três segmentos para facilitar a pesquisa: escolas de clubes e núcleos, escolas de bairro e projetos sociais.

Estes espaços tornaram-se mercado de trabalho para profissionais do futebol, que com diferentes formações, professores de Educação Física ou ex-jogadores, mantêm o embate pela preferência do aluno. Há um antagonismo nas propostas e métodos de trabalho, o que faz com que os discursos emitidos por parte dos atores envolvidos nessa disputa, afirmem, por um lado, que só os graduados possuem qualificação para atuar com crianças em formação;

por outro, os ex-jogadores, que se tornaram professores de futebol, afirmam que só quem possui experiência com a prática do esporte pode ensinar alguma coisa.

As escolas do clube funcionam dentro do espaço físico da instituição e os núcleos são licenciamentos da marca para escolas de terceiros. A segunda opção tem se espalhado pela cidade, buscando o aluno que procura o capital simbólico do clube grande⁷ ou sua identidade clubística e que imagina ser possível o acesso às categorias de base. Ambas são escolas de iniciativa particular que demandam custos para o aluno (mensalidade, uniforme, eventualmente transporte e alimentação), usam campos naturais ou artificiais, onde as aulas normalmente acontecem nos horários ociosos da locação.

As escolas de bairro têm como principal característica a facilidade de acesso. São escolas de iniciativa particular que demandam custos (mensalidade e uniforme). Possuem duas modalidades: atividade extra curricular das escolas de ensino regular ou campos particulares de grama natural ou sintética. Na primeira, o aluno já está no colégio e faz sua atividade sem maiores deslocamentos facilitando a vida dos responsáveis. A segunda coincide com as demais características dos núcleos em campos para locação.

Os projetos sociais destacam-se dos outros pela proposta de inclusão, pois sua clientela não tem condições de arcar com despesas de uma escola particular. São de diferentes pro-

⁶ Custos, iniciativa pública ou privada e referência da escola.

⁷ Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco.



cedências: ONGs⁸, OSCIPs⁹, fundações¹⁰, empresas privadas, iniciativa governamental¹¹, comunitária ou individual. A maioria promove o incentivo à escola formal ao cobrar matrícula e desempenho escolar.

O estudo limitou-se aos segmentos escola de bairro e aos núcleos de clube, pois os “projetos sociais” possuem discursos legitimadores¹² e práticas pedagógicas comuns¹³ (MAIA, 1999; OLIVEIRA, 2006; SOUZA, BARTHOLO, SOARES, 2007).

Estilo, identidade e pedagogia

Os professores colocaram que uma das motivações para acesso dos alunos às escolas, orienta-se pela de profissionalização, coerente com o imaginário de ascensão social pelo es-

porte de alunos e pais. Outras possibilidades, que ocorreram com menor frequência, podem ser agrupadas no viés da ocupação do tempo livre (incluindo sociabilidade e lazer) e na relação custo benefício (proximidade e recomendação).

“Primeiro o pai pensa economicamente e coloca o filho em uma escolinha para ser jogador de futebol. Pode ter um ou outro que pensa na prática esportiva, mas o 90% pensa em colocar uma criança para ser jogador de futebol. Eu procuro sempre colocar na cabeça dele a importância da prática do esporte como meio de saúde, socialização e disciplina. E se o objetivo dele é ser jogador de futebol, deve ter paciência. Eu acredito que isso é um “dom” que você lapida tecnicamente. Isso é um “dom” que a criança tem. Tem algumas crianças que a coordenação motora é zero, não consegue nem andar direito. Entretanto, a primeira coisa que perguntam: “levo para um clube?” (Professor Marcelo – escola de bairro).

O futebol pentacampeão do mundo agregou um capital simbólico, que associado a uma educação pública deficiente e à dificuldade de ascensão social das camadas mais populares, cria terreno fértil para o imaginário, no qual o estilo é um “dom” natural, exclusivo do brasileiro.

Outrossim, a sociabilidade, enquanto necessidade humana de interação com seus pares, e a ludicidade, meio facilitador do processo, estão diretamente relacionadas com a ocupação do tempo livre, de forma orientada pelos professores e controlada pelos pais. A escola de futebol, em ambos os casos do espaço privado, divide a tarefa de educar e dis-

8 As Organizações não governamentais (ONG) se declaram com finalidades públicas e sem fins lucrativos, que desenvolvem ações em diferentes áreas e que, geralmente, mobilizam a opinião pública e o apoio da população para melhorar determinados aspectos da sociedade. Estas organizações podem ainda complementar o trabalho do Estado, podendo receber financiamentos e doações do mesmo, e também de entidades privadas, para tal fim.

9 Cf. Ribeiro, 2004. O então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso promulgou a Lei nº 9.790, de 30 de março de 1999, que regulamenta o funcionamento das OSCIPs – Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público. O trabalho voluntário, as isenções fiscais, as doações de empresas privadas e pessoas físicas são questões tratadas na lei. As doações são fiscalizadas pelo Ministério Público Estadual e podem ser deduzidas junto à Receita Federal.

10 Segundo a revista Filantropia as associações (ONGS e OSCIPs) não prescindem de capital. Nasce da motivação de pessoas em prol de um determinado objetivo, seja ele social ou não. A fundação nasce com capital, por meio da dotação de seu(s) fundador (es) e sua vocação obrigatoriamente terá de ser moral, religiosa, assistencial ou cultural, segundo o novo Código Civil (Lei nº 10.460/02). www.revistafilantropia.com.br/revista/perguntas - acesso em 16/05/2007.

11 Governo federal, estadual e prefeitura municipal.

12 Cidadania e inclusão social, tirando jovens da ociosidade das ruas e da marginalidade, dando-lhes dignidade, saúde e lazer.

13 Ex-jogadores ou não graduados em Educação Física reproduzem treinamentos de equipes profissionais ou a prática do jogo (coletivo).

ciplinar os corpos para a prática do jogo. É o esporte funcionando como agente civilizador (ELIAS, 1995) e também para a manutenção da identidade cultural.

As propostas pedagógicas das escolas pesquisadas têm objetivos diferentes. A escola de bairro, nas palavras de seus professores, enfatiza a questão educacional (formação esportiva independente de continuidade), a disciplina, o aspecto motor, a satisfação do aluno e não prioriza a competição¹⁴. O treino técnico e o coletivo são os mais utilizados (vide tabela abaixo). Dentro do tempo restrito de uma hora de aula em dois dias da semana, os professores atendem aos interesses do aluno (o coletivo, enquanto prática do jogo) e à necessidade de aprendizagem das técnicas corporais (treinamento técnico).

O coletivo, como prática do jogo, é quase uma imposição dos alunos, e talvez por isso os professores dediquem a ele quase metade do tempo de cada aula. O jogo significa o lúdico, o brinquedo, o espaço de tempo em que se pode usar da criatividade, da individualidade e quicá do “estilo brasileiro”, tentando fugir do posicionamento padronizado da tática, pelo menos enquanto o professor permitir e não insistir no jogo coletivo.

O núcleo de clube, por outro lado, tem mais tempo de aula - noventa minutos - e o aproveita como um treinamento de equipe para competição (vide tabela abaixo). As terças-feiras o professor intensifica o trabalho tático, e as quintas o coletivo¹⁵. O núcleo par-

ticipa de muitos amistosos e campeonatos, o que pressupõe uma atitude competitiva, pois as vitórias podem dar visibilidade à escola. Há um esforço em fazer com que os alunos joguem o futebol conforme os padrões táticos, apesar de muitos demonstrarem dificuldades para execução dos fundamentos técnicos, prejudicando as movimentações defensivas e ofensivas propostas pelo professor. Estas movimentações são situações pré-determinadas que inibem a ação criativa do drible em prol do passe, da posse de bola e do melhor posicionamento.

Existe um trabalho visando à formação esportiva sem priorizar a competição, que é a escola de bairro, e outro voltado para o desenvolvimento dos elementos que fazem parte do futebol como possibilidade de profissionalização, que é o núcleo. O primeiro preocupa-se em formar o aluno para que ele aprenda a gostar do esporte, independente de continuidade, enquanto o segundo traz consigo a marca do clube grande, parecendo diminuir a distância entre a escola e as categorias de base. O núcleo deve preparar o candidato a jogador.

Em contrapartida, quando interrogados, todos os docentes concordaram que o passe é o fundamento mais importante, seguido do chute, do domínio e da condução. Este fato pode ser constatado pelos percentuais da tabela abaixo, apesar da escola de bairro ter o passe em terceiro, mas compatível com o informado nas entrevistas.

Observa-se ainda, na tabela abaixo, uma concentração diferente entre as escolas, na utilização do treinamento técnico. A escola de base fragmenta sua metodologia, trabalhando os fundamentos parcialmente em compartimentos normalmente distantes da dinâmica

¹⁴ Os professores fazem poucos amistosos e torneios durante o ano.

¹⁵ O coletivo ocuparia mais tempo, mas as observações se concentraram na terça-feira. A intenção era averiguar se as características do “estilo” estavam sendo valorizadas, estimuladas e quais os procedimentos durante as aulas.



Tabela 1. Frequência das partes das aula

Aulas	AQC	INT	TEC	TÁT	COL	REC	FÍS
Escola de bairro	13,1%	14,5%	17,4%	5,1%	47,1%	1,9%	0,6%
Núcleo de clube	12,4%	13,7%	12,0%	32,5%	32,1%	0%	2,1%

Legenda: AQC – Aquecimento; INT – Intervalo; TEC – Técnico; TÁT – Tático; COL – Coletivo; REC – Recreação; FÍS – Físico.

Tabela 2. Frequência dos fundamentos técnicos durante as aulas

Escolas	Condução	Passe	Domínio	Drible	Chute	Cabeceio	Marcação
Escola de bairro	53%	50%	42%	11%	73%	3%	15%
Núcleo de clube	76%	76%	76%	30%	61%	69%	46%

do jogo. Os exercícios técnicos sobressaíram sobre os exercícios táticos¹⁶, principalmente pela necessidade dos alunos em dominar as técnicas corporais do esporte e assim poder interagir com seus pares. Mal comparando, é como a criança, que antes de aprender a andar tem que engatinhar para não queimar etapas.

Por outro lado, o núcleo, em função do treinamento tático, precisa de vários elementos técnicos, simultaneamente, para sua execução. A regularidade na frequência com que aparecem os elementos da técnica individual nas aulas é consequência direta dos treinamentos táticos realizados pelo professor. O foco é sobre o posicionamento do jogador e a função que ele tem de exercer individual e coletivamente, ficando os fundamentos em segundo plano, apesar de também terem sido executados.

O drible, principal característica do estilo,

foi um dos fundamentos menos acionados nas aulas. Não foi verificado nenhum treinamento específico para o fundamento, como há para os outros. Sua utilização aconteceu nos exercícios simulados de ataque contra defesa. Durante os coletivos, o drible só era valorizado pelos professores na impossibilidade de outro recurso ou quando a seqüência da jogada obtinha sucesso. Ainda na prática do jogo, aconteceram restrições ao número de toques na bola, coerções verbais¹⁷ e punitivas, que limitavam a ação individual e reforçavam o jogo coletivo.

“[...] o fundamento mais usado no esporte é o passe e o chute. Então se estatisticamente são os mais usados dentro do jogo, acho mais importante o passe, depois o chute. Trabalho muito o passe durante as aulas” (professor Marcelo - escola de bairro).

Os alunos ratificaram o que foi dito pelos professores e verificado nas aulas, acrescen-

¹⁶ Atividades que desenvolvam a organização e o posicionamento dos jogadores em campo, bem como as ações de ataque e defesa.

¹⁷ Coerção verbal de pais e professores.

tando que, apesar de não ser um fundamento técnico, o ‘posicionamento’ é uma rotina em ambas as escolas, principalmente nos coletivos. Talvez esteja na ênfase deste conteúdo a diferença do futebol bricolado¹⁸ (DAMO, 2005) para o futebol espetáculo¹⁹ que buscam os professores.

Por outro lado, os docentes consideraram o “estilo brasileiro” individualista, criativo e habilidoso. Estas características foram essencialmente trabalhadas e pouco incentivadas durante as aulas, mostrando um distanciamento de suas falas. Porém, quando se falou do “futebol arte”, os discursos transitaram entre o ideal romântico e a lógica do “futebol força”. Dribles e jogadas de efeito associados à organização tática e à preparação física, sugerindo uma “hibridização”.

O destaque que os docentes dão ao jogo coletivo influencia diretamente na percepção dos discentes. Segundo o imaginário do “jogar bonito”²⁰, a maioria dos alunos gostaria de executar o drible quando estão jogando, porém em suas respostas consideram o passe e o chute como as técnicas mais importantes do estilo e colocam o drible em segundo plano: “*Passes e chutes para chegar ao gol, não adianta só driblar*” (grifo nosso).

A maior parte dos alunos considera como referência de craque, aquele jogador reconhecido internacionalmente pela ação ofensiva no futebol. Exceção feita a Cafu por um dos alunos entrevistados, um zagueiro, que se

identifica com o vigor físico (raça) do jogador. Os demais citaram Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Cristiano Ronaldo²¹, dos quais destacam o drible, o chute e o passe usados como recursos que os diferenciam dos outros. Associam suas falas ao “jogo bonito”, mas normalmente não reproduzem as ações dos seus ídolos por não dominarem o movimento. Raríssimas vezes foram executados dribles diferenciados, como a ‘pedalada’ ou o ‘elástico’, durante os coletivos, pois eram exclusividade dos mais talentosos. Vale ressaltar que dentro de uma mesma equipe convivem os mais habilidosos, que normalmente priorizam as ações ofensivas, e os voluntariosos que protegem a retaguarda, isto é, a arte e a força na mesma equipe e em harmonia.

O craque é apreciado pelos docentes quando usa sua técnica a favor do coletivo. Além disso, deve ser equilibrado para suportar a pressão nos momentos difíceis e ter regularidade. Em contrapartida, foi recriminado quando transgrediu os valores ascéticos do esporte, e serviu como mau exemplo para os mais jovens. Romário, dito representante da identidade malandra, foi lembrado negativamente pelos professores, mas perdoado e valorizado pelo julgamento nacional.

“Eu lembro que trabalhava com o fraldinha futsal do Flamengo, 7 e 8 anos de idade, em um jogo contra o Botafogo. Romário tinha feito um gol no Botafogo e saiu mostrando o dedo para a torcida adversária, que o havia hostilizado no jogo. E aí nosso atleta, 8 anos, faz o gol

18 Cf. Damo, 2005: 37. O futebol bricolado é caracterizado pela adaptação as regras do football association e aos recursos materiais do momento, “joga-se com o que se tem”. Os nativos chamam de “pelada”.

19 Futebol organizado e disciplinado visando o resultado.

20 Futebol arte na linguagem nativa.

21 Cristiano Ronaldo aparece em três entrevistas e representa a ação avassaladora da globalização, pois apesar de todo o capital simbólico que o Brasil conquistou, os alunos elegeram um português. Os canais de televisão aberta do país transmitem jogos de campeonatos nacionais e continentais europeus, cujas equipes possuem os melhores jogadores do mercado mundial.



e vai para a torcida do Botafogo e mostra o dedo. Eu fui obrigado a tirá-lo do jogo para ele entender que do outro lado da torcida estariam outros países como os dele. Os países falaram muito comigo, pois ele era o principal atleta na semifinal do campeonato. Porém, ele deveria saber que nem tudo aquilo que vê tem que fazer, mas são diretamente influenciados” (professor Marcelo – escola de bairro).

A interpretação dos atores para a apropriação do “estilo nacional” varia com a compreensão do “dom”, enquanto “providência pós-facto” para os alunos e “ideologia do potencial” para os professores. Para os discentes, o brasileiro já nasce com o “dom”, que só será reconhecido na apropriação das técnicas corporais e aperfeiçoado com o treinamento. Para os docentes, é uma pré-disposição genética, fruto da miscigenação de raças, que incentivada culturalmente pela sociedade e precocemente pelos pais, permite o surgimento de talentos em quantidade²².

“[...] O que ajuda é a característica do povo e a dimensão do país que tem duzentos milhões de pessoas. Fica mais fácil tirar um grande jogador de futebol aqui do que em Portugal, que é um país infinitamente menor e com outras características. Essa mistura do branco, o negro e o índio, tudo isso junto, você tem jogador de todo o tipo. Tem o europeu, o afro descendente e essas diferenças de cultura foram se juntando. [...] As equipes européias tem jogadores do mundo inteiro, mas que não

são de lá. Ao passo que o Brasil tem aqui na população, gente do mundo todo. Essa mistura fez uma cultura mais global que facilita. [...], a China ou a Índia, se fosse por esse aspecto do tamanho da população, teriam mais facilidade de formar jogadores, mas aí entra o fator cultural. O futebol nunca fez parte na cultura deles como faz no Brasil. Então o aspecto de ter muito, não significa ter mais. Como o Brasil é muito mestiço e tem na cultura, o futebol, facilita” (professor Antonio - núcleo).

Olhando para dentro e para fora, os relatos dos entrevistados sobre o futebol brasileiro foram muito próximos do discurso hegemônico²³. Os alunos da escola de bairro não reconheceram diferenças na forma de jogar dentro do Brasil, talvez por serem mais novos (média de doze anos) e imaturos, mas distinguiram do estrangeiro pela competência agregada nos títulos conquistados. Os do núcleo de clube, mais velhos (média de dezesseis anos), afirmaram o carioca como dissimulado e individualista (característica do malandro); o paulista, veloz, técnico e objetivo; os nordestinos voluntariosos; e o europeu mais voltado para a tática e a correria. Observe-se que as representações sociais sobre nós e sobre os outros já estão sedimentadas nessa fase socializatória que vivem esses adolescentes.

Os professores colocaram os contrários: o “futebol arte” do sudeste (Rio de Janeiro) e o “futebol força” do sul (Rio Grande do Sul). Eles indicaram a qualidade técnica, a capacidade de improvisação e a miscigenação racial como fatores de distinção em relação ao futebol mundial.

23 O futebol arte do estilo nacional.

22 Damo (2005) utiliza-se de dados para contestar esta afirmação, ao apontar que países como Senegal (3,9 jogadores por milhão de habitantes do país), Argentina (1,84), Camarões (1,75) e França (1,13) exportam, proporcionalmente, mais jogadores que o Brasil (0,8) para o principal mercado europeu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de toda a argumentação dos atores, as aulas demonstraram que não há nenhum treinamento específico para desenvolver o “estilo nacional” e sua estética, o “futebol arte”. O drible, característica principal, é colocado em segundo plano, priorizando-se o passe, fundamento próprio para o jogo coletivo. Desta forma, a ginga depende exclusivamente do acervo motor do aluno. Igualmente, a malandragem foi desestimulada e coibida pela disciplina imposta pelos professores.

“Aqui na escolinha, ele aprende os fundamentos e a regra do jogo. Aprende que as regras valem também para vida. A gente não tem a regra só dentro do jogo, temos as regras sociais. Então, ele vai aprender a trabalhar em equipe, ter disciplina. Porque precisa disciplina para treinar; para escutar quem manda; que tem hierarquia; porque está se falando aquilo?” (professor Antonio – núcleo de clube).

Ao final do estudo, podemos afirmar que o “estilo nacional” foi construído culturalmente por jornalistas e acadêmicos, ratificado pelo capital simbólico dos títulos conquistados e pelos jogadores de sucesso, bem como mantido pela mídia, permitindo a continuação da tradição na memória social do povo brasileiro.

Ao mesmo tempo, a apropriação do movimento corporal do brasileiro ao estilo não lhe garantiu excelência, visto que outros países da América Latina tiveram influência afrodescendente e a mesma precariedade de estímulos, não tendo se transformado em um futebol de qualidade (LOVISOLO; SOARES, 2005). A diferença do Brasil está na valorização de uma estética, que com o tempo foi controlada,

adequada ao jogo coletivo e aperfeiçoada no treinamento sob a orientação de bons treinadores.

O mito do “estilo brasileiro” é reiterado na fala de professores e alunos, apesar da pedagogia das escolas trabalharem em direção contrária à socialização desse suposto estilo de jogo. O drible talvez seja o fundamento mais desprezado pelas escolas, por ser fruto da miscigenação e/ou da cultura, não precisando ser ensinado, devendo apenas ser domesticado. Essa deve ser em tese, a percepção nativa dos profissionais sobre a pedagogia do futebol no Brasil.

“Ontem fui questionado por um pai sobre um aluno de oito anos muito individualista e que não toca a bola. Falei para ele o seguinte: Ronaldinho Gaúcho e Robinho aos sete, oito anos, provavelmente, não tocavam a bola para ninguém. Se eles tivessem um professor nesta idade que os obrigasse a tocar a bola, talvez hoje não fosse quem são!” (professor Renan – escola de bairro).



REFERÊNCIAS

ARCHETTI, E. P. *Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina*. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BACH, P. C. T. *Escolas de Futebol e a Construção do Estilo Nacional*. Dissertação de mestrado a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2007.

DAMO, A. S. *Do “dom” a Profissão – Uma Etnografia do futebol Espetáculo a partir da Formação de Jogadores no Brasil e na França*. Tese de doutorado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. *A busca da Excitação*. Lisboa, Difel, 1995.

HELAL, R.; SOARES, A. J. G.; SALLES, J. G. do C. Futebol. In: Atlas do esporte no Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 257-259.

LOVISOLO, H. R. & SOARES, A. J. *Darwin e o futebol*. Revista Eletrônica Polêmica, <http://geocities.yahoo.com.br/>, v. 14, n. Jul-Dez, p. 1-4, 2005.

_____. *Futebol: A construção Histórica do Estilo Nacional*. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 25, nº 1, set. 2003.

MAIA, E. D. *Esporte e Juventude no Borel*. Revista de Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 13, p. 192-206, 1999.

OLIVEIRA, A. L. B. de. *Em busca de um sonho: o processo de seleção de talentos em escolinhas de futebol no Rio de Janeiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PROST, Antoine; VINCENT, Gerard (organizadores). *História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RIBEIRO, Carlos Henrique de V. *Mais do que Pendurar as Chuteiras: Projetos Sociais de Ex-jogadores de Futebol Famosos*. Tese de doutorado a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2004.

RODRIGUES, Nelson. *“Complexo de Vira-latas”*. Castro, R. (org.) À Sombra das Chuteiras Imortais: Crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SALVADOR, M. A. S. *A Memória da Copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Tese de doutorado a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2005.

SOUZA, C. A. M. de ; BARTHOLO, Tiago Lisboa ; SOARES, Antonio Jorge Goncalves . “Nova Geração” *Football School: physical skiills and morality*. The FIEP Bulletin, v. 77, p. 726-729, 2007.

Site www.revistafilantropia.com.br/revista/perguntas - acesso em 16/05/2007

Recebido em: 20 de junho de 2010

Aprovado em: 08 de setembro de 2010

Endereço para correspondência:

Estrada do Tindiba, 1493 – bloco 3/ apto 608

Jacarepaguá – Rio de Janeiro – RJ

E-mail: paulobach@uol.com.br

E-mail: lovisolo@globo.com